



Adjetivos em português brasileiro: posição pré-nominal e modificação de eventos

Adjectives in Brazilian Portuguese: prenominal position and event modification

Thais Deschamps

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná / Brasil

thadeschamps@gmail.com

Resumo: Esse trabalho busca fazer uma aproximação entre a posição pré-nominal em português brasileiro e as propriedades apontadas para adjetivos avaliativos em inglês e espanhol, conforme observado principalmente em Fábregas, Leferman e Marín (2013). Apontamos que as propostas em PB de distinguir duas posições adjetivais claramente distintas na anteposição nos levam a perder algumas propriedades que, de maneira mais abstrata, parecem ser compartilhadas por boa parte dos adjetivos antepostos – especialmente uma certa “intermediação” entre o adjetivo e o nome na leitura obtida. A partir da observação de que a leitura avaliativa é uma propriedade comumente apontada para a posição pré-nominal, trazemos a proposta de Fábregas, Leferman e Marín (2013) de que adjetivos avaliativos se distinguem de adjetivos *individual-level* e *stage-level* por poderem selecionar um argumento evento e buscamos traçar um paralelo entre essa propriedade e a posição pré-nominal em PB de maneira mais ampla.

Palavras-chave: adjetivos; modificação de eventos; posição adjetival.

Abstract: This paper aims to draw a parallel between the prenominal position in Brazilian Portuguese and properties of Evaluative Adjectives that have been observed for English and Spanish, particularly as Fábregas, Leferman and Marín (2013) noted. We disagree with proposals for Brazilian Portuguese that claim there are two clearly distinct prenominal adjectival positions in Brazilian Portuguese. Such a conception would lead us to set aside some properties that, once more abstractly conceived, seem to be shared by a great portion of prenominal adjectives (namely, that there is some sort

of “intermediation” between the adjective and the name in the A+N obtained reading). Departing from the observation that an evaluative reading is a commonly noted property for the prenominal adjectival position, we bring Fábregas, Leferman e Marín’s (2013) proposal, which posits that Evaluative Adjectives are distinct from individual-level and stage-level adjectives for being able to select an Event argument and attempt to establish a connection between this property and the prenominal adjectival position in Brazilian Portuguese in a broader sense.

Keywords: adjectives; event modification; adjectival position.

Recebido em 10 de setembro de 2018

Aceito em 17 de dezembro de 2018

1 Introdução

Em trabalhos sobre adjetivos em português brasileiro (PB), uma questão que há muito tem motivado o trabalho de linguistas é a distinção entre as posições pré- e pós-nominal no que concerne a distribuição sintática da classe (geralmente dividida em subclasses, sejam nocionais, i.e. pelo seu significado, sejam pela sua estrutura argumental) e seus respectivos padrões de interpretação (ou a busca por identificá-los). Gramáticas tradicionais já observavam que a posição típica de adjetivos em PB é pós-nominal. A anteposição, nessa visão, seria apenas um recurso estilístico. O fato de haver adjetivos que ocorrem exclusivamente em uma ou noutra posição não costuma ser mencionado.

Na perspectiva da linguística, Perini (2005), na seção de sua gramática destinada ao sintagma nominal (SN), distingue duas posições estruturais na anteposição e duas na posposição em que adjetivos podem figurar:

- (1) [Det PV4 Poss PV3 Ref PV2 Qf PV1 **PNE PNI**] N [**ModI ModE**]

A posição de pré-núcleo interno (PNI) constituiria uma classe fechada (composta pelos itens *mau*, *novo*, *velho*, *claro* e *grande*), ao passo que a de pré-núcleo externa (PNE) seria aberta, com poucos itens exclusivos à ela (logo, que não poderiam ocorrer como modificadores pós-nominais – em outras palavras, exclusivamente pré-nominais):

mero, pretenso, meio, suposto e, talvez, reles. A única dentre as quatro posições que teria a possibilidade de recursividade seria a de modificador externo (ModE). Para além dos problemas de natureza observacional dessa proposta, o autor não aborda as distinções de interpretação entre as posições e as restrições seletivas de cada uma. Apesar de observar brevemente que “[...] boa parte dos itens que podem ocorrer como modificadores podem também ocorrer como PNE” (PERINI, 2005, p. 103), qual seria essa “boa parte” ou qual seria a motivação para que nem todos os itens que podem figurar em ModE possam atuar como PNE são questões deixadas de lado.

Uma propriedade específica da posição pré-nominal é sugerida por Boff (1991). Ela propõe a existência de um traço [+AVALIATIVO],¹ que estaria presente apenas em alguns adjetivos e seria o responsável por permitir que aparecessem na anteposição:

- (2) a. um livro interessante
b. um interessante livro
- (3) a. um livro vermelho
b. *um vermelho livro

Apesar de essa intuição acerca do caráter avaliativo de muitos adjetivos pré-nominais ter uma boa cobertura empírica, ela não é capaz de explicar a alternância de leituras que encontramos no caso de alguns itens lexicais:

- (4) a. um grande jogador
b. um jogador grande
- (5) a. o novo professor
b. o professor novo

¹ A autora propõe alguns testes para identificar se o adjetivo teria esse traço – por exemplo, ser complemento de verbos como *considerar* ou *julgar*. A leitura avaliativa é entendida, assim, como na maior parte da literatura, como uma propriedade “não objetiva”, produto de um julgamento do falante. Um problema latente desse teste é que é possível levar adjetivos a terem leitura avaliativa (e, portanto, “passarem” nesse teste) por coerção.

Menuzzi (1992) também adota uma abordagem lexicalista para explicar a distribuição sintática (e padrões inferenciais) dos adjetivos, mas baseada em sua estrutura argumental. Em sua teoria, adjetivos se dividiriam em quatro grandes classes de acordo com o número e a natureza dos argumentos que selecionam: categoremáticos (i.e. extensionais), que têm apenas um argumento, e cuja denotação não depende das propriedades do nome núcleo; relacionais, com tipicamente dois argumentos, sendo o segundo uma classe de comparação; referenciais (ou gentílicos); e intensionais (como *suposto*, *próximo*, etc.). A classe dos intensionais e as dos relacionais seriam as únicas passíveis de anteposição, uma vez que, dentro do modelo de Menuzzi, é necessária a presença de um segundo argumento para o que adjetivo não seja reinterpretado como núcleo do sintagma:

- | | | |
|-----|-------------------------------|-------------------------|
| (6) | a. um cego soldado | <i>(Categoremático)</i> |
| | b. um soldado cego | |
| (7) | a. uma professora inteligente | <i>(Relacional)</i> |
| | b. uma inteligente professora | |
| (8) | a. um soldado francês | <i>(Referencial)</i> |
| | b. um francês soldado | |
| (9) | a. um suposto assassino | <i>(Intensional)</i> |
| | b. *um assassino suposto | |

No caso de categoremáticos (cf. (6)) e referenciais (cf. (8)), os elementos que funcionam como núcleo do sintagma e como modificador se alternam de acordo com a ordem, uma vez que ambos teriam apenas um argumento; caso essa alternância não seja possível devido à carga referencial do item lexical, a sequência se torna agramatical. Intensionais precisam necessariamente ser antepostos (cf. (9)), e os relacionais (cf. (7)) seriam aqueles que verdadeiramente poderiam aparecer em ambas as posições – ainda que essa proposta tenha como previsão uma alternância na interpretação: quando pospostos, o segundo argumento (i.e. a classe de comparação) pode ser interpretada de forma absoluta *ou* com referência à classe denotada pelo nome, ao passo que, na anteposição, apenas a última leitura seria possível:

- (10) a. uma professora inteligente (enquanto pessoa)
 (*leitura absoluta*)
 b. uma professora inteligente (enquanto professora)
 (*leitura de classe*)
- (11) a. #² uma inteligente professora (enquanto pessoa)
 (*leitura absoluta*)
 b. uma inteligente professora (enquanto professora)
 (*leitura de classe*)

Para o autor, a interpretação avaliativa seria um efeito colateral da configuração sintática e das relações argumentais estabelecidas entre o adjetivo relacional anteposto e o nome.³

Apesar de essa teoria fazer boas previsões, não nos parece claro que ela dê conta das leituras possíveis em um exemplo como (12):

- (12) a. Carla é uma bela dançarina.
 b. Carla é uma dançarina bela.

Como esperado, a leitura mais saliente na posposição em (12b) é absoluta: uma dançarina que é bela *enquanto pessoa*. Contudo, em (12a) a interpretação preferencial não é que Carla é, dentre as dançarinas, particularmente bela (i.e. bela *enquanto dançarina*), como poderíamos esperar se o adjetivo selecionasse a classe do nome como classe de comparação, e sim uma leitura quase adverbial:

- (13) a. Carla é uma bela dançarina.
 b. Carla dança belamente.

² O símbolo # será utilizado para indicar que a seqüência é gramatical, mas não apresenta a leitura pretendida.

³ Menuzzi (1992) propõe que a interpretação avaliativa seria derivada de o adjetivo ser simultaneamente o núcleo do SN e tomar o N como seu segundo argumento. Parece-nos que seria um problema para essa proposta podermos ter dois ou mais adjetivos avaliativos ao mesmo tempo na anteposição, uma vez que apenas um dele poderia ser reinterpretado como núcleo:

- (i) O maravilhoso grande velho rei daquele país infelizmente faleceu.

Note-se o contraste entre (12) e (13) comparados a (14):

- (14) a. João é um jogador de basquete alto.
 b. João é um alto jogador de basquete.
 c. *João joga basquete altamente.

Em (14b), diferentemente de (12a), realmente temos o contraste de leituras apenas em termos de classe de comparação (i.e. em (14b), João é alto *para os padrões dos jogadores de basquete*), o que mostra que (12a) não se trata do mesmo caso.

Além disso, essa proposta também precisaria ser readequada para dar conta dos dados abaixo:

- (15) a. a mesa redonda
 b. *a redonda mesa
 c. seus redondos olhos de criança brilhavam com animação [...]
 d. a às vezes redonda, às vezes quadrada mesa da sala de estar

Adjetivos de formato não se enquadram totalmente nos critérios da proposta de Menuzzi; contudo, sua aproximação parece ser mais com a categoria dos categoremáticos, uma vez que sua interpretação não parece relativizável a uma classe de comparação (da mesma maneira que os relacionais, ao menos) e, como vemos em (15b), eles não podem ser antepostos. Contudo, eles podem ser antepostos se lhes conferirmos uma leitura avaliativa (cf. (15c)). (15d) apresenta um outro tipo de reconfiguração, que passa por mudarmos a forma como vemos o mundo. O formato de um objeto é geralmente tido como não limitado a um determinado intervalo de tempo – em outras palavras, é uma propriedade, na concepção comum que temos sobre o mundo, tipicamente *individual-level* (nos termos de CARLSON, 1977). Se imaginarmos um outro mundo em que, por exemplo, mesas sejam feitas de um material maleável que muda de formato a cada dia (em outras palavras: se conseguirmos interpretar a propriedade de maneira

relativa), (15d) é um exemplo aceitável sem necessariamente ter leitura avaliativa.⁴

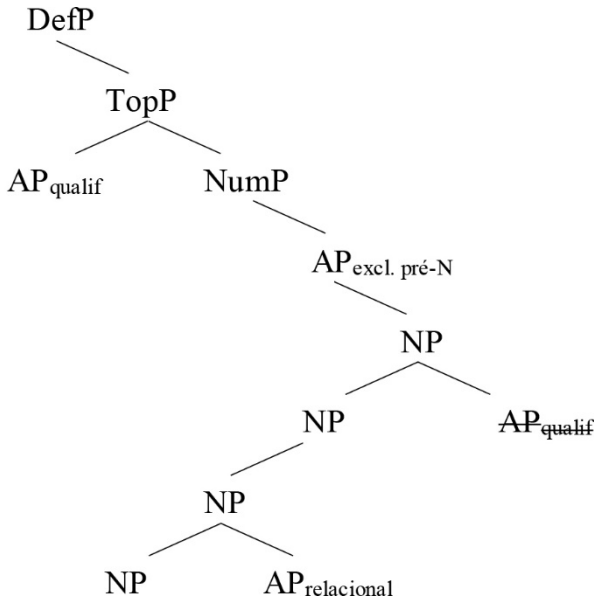
Uma última proposta a ser abordada é a de Prim (2015). Para a autora, todos os adjetivos em PB seriam adjuntos, adjungidos à direita do nome em duas posições: ou como “relacionais”, ou como “qualificativos” – à exceção de alguns poucos adjetivos (*velho, grande, pobre, certo, simples, suposto, meio*, entre alguns outros) que poderiam figurar como núcleos em uma projeção dedicada específica à esquerda.

A nomenclatura “relacional” não deve ser confundida com o que Menuzzi (1992) chamou de “classe relacional” (uma classe de adjetivos com duas posições argumentais). A referência, aqui, é a uma distinção comum em gramáticas de tradição europeia entre adjetivos *relacionais* e *qualificativos*. Bosque e Picallo (1996) colocam que adjetivos relacionais poderiam ser divididos em *temáticos* (que preenchem a estrutura argumental do nome e, portanto, recebem um papel temático do núcleo, e.g. “pesca baleeira” – aquilo que é pescado), e *classificativos* (que definem um domínio de classificação, e.g. “engenheiro elétrico”). Os “qualificativos”, por outro lado, carecem de uma definição precisa, mas parecem englobar em grande medida aquilo que vagamente é chamado de “avaliativo” (como o traço proposto por BOFF, 1991).

Na proposta de Prim (2015), a anteposição de adjetivos que não aqueles gerados no núcleo pré-nominal seria possível apenas para os qualificativos, e aconteceria por meio do movimento da posição de base na posposição para uma projeção de tópico (TopP) interna a um sintagma determinante definido (DefP):

⁴ Uma vez que podemos interpretar essa mudança como uma reconfiguração na estrutura argumental do adjetivo (cf. KRATZER, 1995; e como será mais elaborado na continuação do artigo), talvez seja possível resgatar a proposta de Menuzzi em termos de alternâncias argumentais nas grades temáticas de adjetivos categoremáticos e referenciais.

(16)



(PRIM, 2015, p. 130)

Essa teoria prevê, assim, que encontremos dois tipos de itens na anteposição: aqueles poucos com alternância de significado ou exclusivamente pré-nominais (excluídos os intensionais, que a autora não inclui em sua proposta), que figurariam em uma projeção específica; e adjetivos avaliativos, que poderiam se mover para a posição de tópico em sintagmas com leitura [+ESPECÍFICA] em contextos *realis*, ou livremente em contexto *irrealis*.⁵

Tal proposta não faz nenhuma previsão sobre as alternâncias ou preferências de interpretação observadas por Menuzzi (1992), e tampouco permite uma análise integrada dos adjetivos opcionalmente antepostos com aqueles exclusivamente pré-nominais ou destes pré-nominais com sua contraparte pós-nominal, quando possível (a princípio, seriam duas entradas lexicais distintas). Contudo, interessa-nos a observação de que, novamente, temos dois tipos de adjetivos na anteposição: aqueles com uma mudança de interpretação clara, e os adjetivos qualificativos (que,

⁵ Prim (2015) propõe que o movimento livre em contextos *irrealis* se daria pela presença de uma projeção de foco, ao invés de tópico.

aparentemente, podemos assumir se tratarem dos “adjetivos avaliativos” previamente mencionados).

Assim, podemos elencar quatro propriedades já observadas sobre adjetivos em posição pré-nominal:

- a) alguns adjetivos apresentam uma mudança de interpretação (e.g. (4));
- b) adjetivos que podem aparecer em ambas as posições apresentam não uma mudança de interpretação, mas talvez de referência (i.e. classe de comparação, nos termos de Menuzzi (1992)), quando antepostos;
- c) adjetivos avaliativos podem sempre ser antepostos;
- d) modificação adverbial forçando uma leitura *stage-level* permite (ou, ao menos, favorece) a anteposição.⁶

Com base nessas generalizações, iremos propor que a fonte de ao menos parte desses fenômenos é a possibilidade de o adjetivo tomar como um de seus argumentos um argumento evento.⁷ Nosso percurso argumentativo será o seguinte: na seção 2, analisaremos os adjetivos que apresentam mudanças claras de interpretação.⁸ Na seção 3, exploraremos as propriedades de adjetivos avaliativos: em 3.1, veremos uma

⁶ Não abordamos a distinção entre adjetivos na posição pós-nominal; entretanto, note-se que adjetivos classificativos nunca podem ser antepostos, nem sob modificação de qualquer espécie:

- (i) a. um forno elétrico
- b. *um elétrico forno
- c. *um às vezes elétrico forno

Adjetivos classificativos são aqueles que Perini (2005) chamava de modificadores internos: precisam estar diretamente adjacentes ao nome e não podem ser modificados.

⁷ Estamos fazendo um uso não teórico do termo *evento* apenas para designar algum tipo de entidade relacionada a eventualidades ou a limites temporais. O uso desse termo não implica em um comprometimento em sua compreensão como um argumento *davidsonianiano* ou *kimiano*.

⁸ Não abordaremos os adjetivos intensionais nessa proposta (como *suposto*, mas também *certo*, *meio*, etc.), mas consideramos que é possível que essa proposta possa se estender a eles, nas linhas de Menuzzi (1992).

proposta para adjetivos predicativos avaliativos para o espanhol e o inglês, e na seção 3.2 investigaremos sua aplicabilidade aos adjetivos adnominais avaliativos em PB. Na seção 4, veremos alguns argumentos adicionais para nossa proposta. Na conclusão, apresentaremos questões não abordadas, assim como algumas lacunas que precisarão ser examinadas em trabalhos futuros.

2 Adjetivos com mudança de interpretação

Os adjetivos mencionados por Prim (2015), entre alguns outros, estão entre aqueles que se costuma observar como tendo diferenças significativas em sua interpretação nas posições pré- e pós-nominais:

- (17) a. um homem grande
b. um grande homem
- (18) a. um jogador de futebol velho
b. um velho jogador de futebol
- (19) a. um professor novo
b. um novo professor
- (20) a. um homem pobre
b. um pobre homem
- (21) a. um camponês simples
b. um simples camponês
- (22) a. uma dançarina bela
b. uma bela dançarina

Um dos argumentos para se considerar a diferença de interpretação em (17) como evidência da existência de dois itens lexicais diferentes é sua contraparte em outras línguas: em inglês, por exemplo, utilizaríamos *tall* ou *big* em (17a), mas *great* em (17b). No entanto, não gostaríamos de seguir essa linha argumentativa, uma vez que ela não contribui para a explicação dos outros exemplos: em todos os demais casos, ao menos

em inglês, ou adjetivos usados tanto em (a) como em (b) são os mesmos e também apresentam essa ambiguidade (*old friend, new teacher, poor man, simple farmer*). Se tentarmos parafrasear cada leitura, veremos que há uma certa sistematicidade:

- (17')a. um homem cuja dimensão é grande
- b. um homem que fez grandes coisas

- (18')a. um jogador de futebol com idade avançada
- b. uma pessoa que antigamente jogava futebol *ou* alguém que é jogador de futebol há muito tempo

- (19')a. um professor com pouca idade
- b. um professor que foi contratado ou que se formou recentemente

- (20')a. um homem com pouco dinheiro
- b. um homem cuja condição de vida é de alguma forma trágica

- (21')a. um camponês que é um indivíduo simples
- b. uma pessoa que é simplesmente (só) um camponês

- (22')a. uma dançarina com bela aparência, bonita
- b. uma dançarina que dança belamente/muito bem

Vemos que, em quase todos os exemplos, as paráfrases em (a) fazem referência diretamente ao indivíduo, ao passo que a modificação em (b) é sempre intermediada por algum outro elemento. O paralelo com a proposta de Menuzzi (1992) é latente, ainda que, como já mencionamos para (12) (repetido parcialmente em (22)), a explicação do segundo argumento como *classe de comparação* não dê conta de todos os casos. Interessantemente, fazer uso de verbos ou de advérbios captura bem o significado dessa segunda interpretação, como podemos ver mais claramente nos casos de (17b), (19b) e (22b).⁹ Podemos ver essa intermediação pelos padrões inferenciais desses adjetivos:

⁹ *Simples* parece ter uma leitura quase intensional, ao passo que *pobre* parece ter uma leitura quase independente do sentido do nome, em que o sentido de *pobre* é definido contextualmente. Acreditamos, no entanto, que a intermediação por um outro elemento

- (25) a. um velho grande jogador (da época do meu avô)
 b. o pobre novo professor do departamento
 c. ?um simples pobre morador de rua¹²

Além disso, ainda que esses adjetivos possam aparecer em posição mais interna à de outros adjetivos, como em (26), eles também podem figurar em posição *mais externa* a de itens que podem aparecer na posposição – os quais, pela proposta da autora, teriam que se mover para tópico, i.e. seriam necessariamente mais altos na estrutura –, como podemos ver em (27):

- (26) a. um inteligente grande rei
 b. o maravilhoso novo professor
- (27) a. a pobre inteligente professora (não conseguiu prever o que iria acontecer)
 b. um grande heroico povo

Com foco, é possível inclusive termos a leitura exclusivamente pós-nominal dos itens (17)-(22) na anteposição (no item focalizado) – e, novamente, a leitura pré-nominal aparece em posição mais externa:

- (28) a. Nossa, mas ele foi um grande GRANDE rei mesmo!
 b. Ele era um pobre POBRE homem, você não tem ideia...
 Não ganhava nem 5 reais por dia!

¹² É interessante observar que esses adjetivos parecem ter ordens preferenciais entre si (excluídas leituras com foco contrastivo):

- (i) a. um velho grande jogador de futebol
 b. ?um grande velho jogador de futebol
- (ii) a. o pobre novo professor (não sabe o que espera ele)
 b. ?o novo pobre professor (não sabe o que espera ele)
- (iii) a. uma simples bela dançarina
 b. #uma bela simples dançarina

Em (iiib), mais que agramatical, a ordem dos adjetivos parece bloquear a leitura adverbial de *bela*.

Para além disso, os adjetivos parecem ter ou uma, ou outra leitura na anteposição (exceto em contextos especiais, como o de foco em (28)), o que levanta a questão de se é necessário assumirmos duas posições estritamente ordenadas entre si.¹³

Podemos concluir, assim, que na anteposição a interpretação dos adjetivos é mediada por algum “outro elemento”: em alguns casos, algo como uma classe de comparação; em outros, algo que dá origem a uma leitura adverbial. Nossa proposta, ao menos para esse último grupo, é que esse “algo” seja um argumento evento.

3 Propriedades dos adjetivos avaliativos

Na discussão linguística sobre adjetivos em PB, uma propriedade frequentemente apontada é que a anteposição adjetival estaria ligada a uma leitura avaliativa; na introdução, abordamos algumas propostas que fazem uso dessa noção, ou que tentam derivá-la de alguma maneira. Nesta seção, assumindo a existência de algo como uma classe de adjetivos “avaliativos” (ou simplesmente de adjetivos mais prototipicamente ligados a essa função), iremos explorar algumas propriedades específicas que esses itens parecem possuir. Na seção 3.1, veremos uma abordagem que propõe que adjetivos avaliativos predicativos em inglês e em espanhol sejam capazes de interagir com um argumento evento. Na seção 3.2, faremos uma análise de como essa proposta dialoga com adjetivos avaliativos adnominais em PB.

3.1 Adjetivos avaliativos como estados davidsonianos

O trabalho de Maeinborn (2005) acerca de estruturas copulares, verbos estativos e *D-states*¹⁴ levou a assunção de que haveria dois

¹³ Cabe notar que essa questão coloca um entrave a mais na proposta de Prim (2015): como o adjetivo qualificativo já estaria ocupando o especificador de TopP, o adjetivo exclusivamente pré-nominal não teria como se mover acima dele. Prim (2015) não parece assumir que essa projeção de tópico dentro do sintagma determinante (definido) seja recursiva. Mesmo que aceitássemos essa possibilidade, dentro dessa proposta, a motivação para o movimento é checar o traço de *especificidade* do sintagma. Se o adjetivo qualificativo já houvesse se movido para TopP e checado esse traço, não haveria por que o adjetivo exclusivamente pré-nominal se mover por cima dele.

¹⁴ A autora assume a existência de dois tipos de estados: verbos verdadeiramente estativos (*stative verbs*) e verbos “D-state”, isto é, estados que teriam um argumento evento (Davidsonianos).

tipos de argumentos de evento disponíveis para os predicados: um argumento evento pleno, localizado no **tempo** e no **espaço** (uma entidade spatiotemporal – um **argumento davidsoniano**); e um argumento localizado em um mundo e tempo específicos, mas **sem colocação no espaço** – portanto, um objeto abstrato –, que a autora chama de um argumento de **estado kimiano**.¹⁵ Ela assume que adjetivos não são nem estados kimianos, nem estados davidsonianos: adjetivos denotariam apenas propriedades de indivíduos. Em estruturas copulares, seria a cópula que introduziria o argumento de estado kimiano.

Fábregas, Leferman e Marín (2013) se opõem a essa proposta em dois aspectos. Primeiramente, eles observam que retirar o argumento evento (nesse caso, kimiano) do adjetivo e atribuí-lo à cópula traz resultados indesejados translinguisticamente. Em segundo lugar, eles argumentam que nem todos os adjetivos são estados kimianos. Nomeadamente, o que eles chamam de *adjetivos avaliativos* aceitam, ao menos em inglês e espanhol, tanto modificação espacial quanto temporal:

(29) John was rude yesterday at his parents' place.
 John foi rude ontem na casa dos pais dele

(30) Mary was nice this morning at the meeting.
 Mary foi legal hoje de manhã na reunião

(FÁBREGAS; LEFERMAN; MARÍN, 2013, p. 243, tradução nossa)

Adjetivos avaliativos também passam em outros testes utilizados para identificar a presença de um *verdadeiro argumento evento*, i.e. que pode ser localizado no tempo e espaço (i.e. davidsoniano), como a) ser complemento de verbos de percepção; b) permitir modificação de modo; c) poderem ser retomados por expressões como *isso aconteceu...*; e d) terem leitura habitual no presente:¹⁶

¹⁵ Os argumentos *davidsonianos* são assim chamados devido a terem como base de sua concepção o trabalho de Davidson (1967). Já o argumento *kimiano* é baseado nos trabalhos de Kim (1969, 1976).

¹⁶ E, para leitura de presente, precisarem de morfologia de progressivo.

- (31) a. I saw John be/being rude to Mary.
 ‘Eu vi o João ser/sendo rude com a Maria.’
- b. Max was elegantly modest at the reception last night.
 ‘O Max foi elegantemente modesto na recepção ontem à noite.’
- c. John was extremely rude to his father in the kitchen.
This happened shortly before most of the guests arrived.
 ‘John foi extremamente rude com o pai dele na cozinha.
 Isso aconteceu logo antes da maioria dos convidados chegar.’
- d. Martha is (normally) cruel (to her employees).
 ‘Martha é (geralmente) cruel (com os empregados).’
- (FÁBREGAS; LEFERMAN; MARÍN, 2013, p. 240-243,
 tradução nossa)

Os autores apontam que, interessantemente, adjetivos avaliativos se comportam como predicados *individual-level* em uma série de propriedades: não aceitam inserção de *There* (cf. (32)), não tem leitura existencial com NPs nus ou indefinidos (cf. (33)), só podem ter leitura genérica), não podem estar em predicação secundária (cf. (34)), e podem aparecer como complementos dos verbos *considerar*, *julgar* (cf. (35)):¹⁷

- (32) a. *There were several policemen Spanish.
 b. *There were several policemen brave.
- (33) a. Doctors are well-read.
 b. Doctors are patient.
- (34) a. *O Pedro chegou velho/alto/francês.
 b. *O Pedro chegou corajoso/cruel/modesto.
- (35) a. O Pedro é considerado francês/velho/alto.
 b. O Pedro é considerado corajoso/cruel/modesto.

¹⁷ Todos os exemplos a seguir são de Fábregas, Leferman e Marín (2013), traduzidos para o português quando possível.

No entanto, os adjetivos avaliativos também compartilham algumas propriedades com os *stage-level*, diferenciando-se assim dos ILs: como já visto, permitem a presença de advérbios episódicos (*sempre*, às vezes, *frequentemente*, etc.) e podem ser complemento de verbos de percepção (a despeito de, como os próprios autores apontam em seu artigo, a estrutura com adjetivos *stage-level* mudar a interpretação dos verbos).

Os avaliativos, entretanto, diferem tanto dos ILs quanto dos SLs por uma série de propriedades: permitem forma progressiva (cf. (36)) e modificadores agentivos (cf. (37)); tem leitura de objeto afetado com a preposição *com* (leitura esta que em geral não está disponível para outros predicados, cf. (38)); aceitam retomada por “Isso aconteceu...” (cf. (31c)) e por “O que [ele] fez foi...” (cf. (39)); e, com o tempo presente em inglês, tem leitura habitual (cf. (40)):

- (36) a. O João está sendo modesto/rude/bobo. (Avaliativo)
 b. O João está sendo alto/velho/francês. (IL)
 c. *O João está sendo bêbado/doente/irritado. (SL)
- (37) a. O João foi cruel de propósito. (Avaliativo)
 b. *O João foi alto de propósito. (IL)
 c. *O João foi bêbado de propósito.¹⁸ (SL)
- (38) a. O João foi cruel com o pai dele. (leitura de objeto afetado)
 b. O João veio com o Luiz. (leitura comitativa)
 c. Com a correria, o João esqueceu as chaves. (leitura causal)
- (39) a. O que o João fez foi ser muito arrogante. (Avaliativo)
 b. ?*O que o João fez foi ser muito alto/nervoso. (IL/SL)
- (40) a. John is cruel to Maria. (Avaliativo_{LEITURA HABITUAL})
 b. John is being cruel to Maria. (Avaliativo_{LEITURA PRESENTE})
 c. Jeanne {*is being/is} tall/old. (IL_{LEITURA PRESENTE})
 d. Jeanne {*is being/is} sick/tired/nervous. (SL_{LEITURA PRESENTE})

¹⁸ Assim como em inglês, trocar a cópula pelo verbo *ficar* (ou *get* em inglês) torna essa sentença possível; contudo, o ponto é justamente que adjetivos avaliativos não precisam da ‘ajuda’ de outros verbos para conseguirem obter a leitura desejada.

A lista completa de diagnósticos, e o comportamento dos adjetivos de cada tipo neles, é a seguinte:

TABELA 1 – Diagnósticos individual-level x stage-level x eventualidade

| Diagnósticos | IL | SL | Adjetivos Avaliativos |
|---------------------------------------------|----|----|-----------------------|
| There-insertion | - | + | - |
| Leitura existencial com DPs nus/indefinidos | - | + | - |
| Modificação secundária | - | + | - |
| <i>Consider, judge</i> | + | - | + |
| Advérbios episódicos | - | + | + |
| Complemento de verbos de percepção | - | + | + |
| Forma progressiva | - | - | + |
| Modificadores agentivos | - | - | + |
| Leitura de objeto afetado com <i>com</i> | - | - | + |
| “This happened” | - | - | + |
| “What <i>pro</i> did was...” | - | - | + |
| Leitura de presente com o tempo presente | + | + | - |

Fonte: Fábregas, Leferman e Marín (2013, p. 241)

Assim, os autores apontam que, diferentemente dos outros exemplos dados por Maienborn (que contemplavam majoritariamente adjetivos *stage-level*, i.e. a favor de uma interpretação em termos de estados kimianos), esses adjetivos avaliativos realmente parecem conter um argumento evento no sentido davidsoniano (com localização espacial).

3.2 Adjetivos avaliativos adnominais em PB

Uma primeira questão a ser abordada é que tanto Maienborn (2005) quanto Fábregas, Leferman e Marín (2013) trataram de adjetivos em posições predicativas. Se seguissemos a abordagem de Maienborn para os adjetivos, a ausência de cópula dentro do sintagma nominal impossibilitaria a introdução de qualquer elemento ‘eventivo’ na interpretação desses itens. A proposta de Fábregas, Leferman e Marín (2013), contudo, possibilita que trabalhem com essa hipótese.

Antes de investigarmos adjetivos em posição adnominal, é necessário verificarmos se adjetivos em PB se comportam da mesma forma que aqueles em inglês e espanhol. Como já visto nas glosas nos exemplos

anteriores, a resposta parece ser positiva: aceitam forma progressiva (cf. (41a)); aceitam modificadores de modo e tem leitura de objeto afetado com a preposição *com* (cf. (41b)); podem ser retomados por “Isso aconteceu” (cf. (41c)); e tem leitura habitual no presente (cf. (41d)):

- (41) a. Eu vi o João ser/sendo gentil com a Maria.
- b. O João foi pacientemente tolerante com as crianças na escola ontem.
- c. O João foi extremamente desonesto comigo no cinema. Isso aconteceu logo depois de eu ter sido sincera com ele.
- d. A Maria é (geralmente) generosa (com os empregados).

Assim, podemos agora testar se essa leitura eventiva também está acessível em posição adnominal. Novamente, vemos que sim:¹⁹

- (42) O professor pacientemente tolerante com as crianças dentro de sala de aula não tolera bagunça na rua.
- (43) O menino às vezes desonesto com os outros quando trocava figurinhas agora estava tomando do próprio remédio.

A posição pré-nominal impõe algumas dificuldades por sintaticamente não permitir a presença de adjetivos modificados por sintagmas preposicionais (SPs), o que exclui tanto o argumento introduzido por *com* (que, de acordo com Fábregas, Leferman e Marín, é um dos elementos sinalizadores da leitura eventiva dos adjetivos avaliativos) quanto locativos de uma maneira geral, que tampouco podem aparecer separados na posposição:

- (44) a. *O tolerante professor com as crianças
- b. ?O tolerante professor em sala de aula²⁰

¹⁹ Naturalmente, modificação de nomes próprios não é permitida em PB (a menos em casos contrastivos), assim como não é possível termos modificação temporal com tempo (*tense*). Modificadores temporais como *sempre*, *às vezes*, *frequentemente*, no entanto, são possíveis, e de acordo com Kratzer (1995), requereriam uma variável (espacio) temporal (na proposta da autora, selecionaram adjetivos *stage-level*).

²⁰ Nesse exemplo, não é claro se o locativo modificaria o adjetivo ou o conjunto [A+N], o que talvez seja o fator responsável por tornar a sequência mais aceitável.

- (45) a. *O desonesto menino com os outros
 b. *O desonesto menino quando trocava figurinhas

A modificação temporal, contudo, é possível (cf. (46), e também como já apontado no exemplo em (15)), assim como a presença de modificadores de modo (em (47)):

- (46) a. O sempre tolerante professor
 b. O às vezes desonesto menino
 c. A frequentemente generosa gerente da empresa
- (47) a. A gentilmente receptiva secretária
 b. O facilmente manipulável rapaz
 c. A dolorosamente lenta reação

Assim, adjetivos avaliativos em PB parecem se comportar da mesma forma que em inglês ou espanhol em posição predicativa. Dentro do SN, vemos um contraste entre as posições antes e depois do nome núcleo: na posposição, locativos e modificadores de modo e tempo são possíveis, assim como complementos com *com*, ao passo que a anteposição não permite a presença de SPs.

4 Anteposição e a modificação de eventos

A partir desses dados, não é claro se seria possível distinguir se estamos lidando com um argumento kimiano ou davidsoniano. Já abordamos rapidamente a diferença entre esses dois tipos de argumentos evento: o argumento davidsoniano é localizado no tempo e espaço, enquanto o argumento kimiano estaria localizado apenas no tempo. Podemos resgatar a definição precisa de um estado kimiano em Maienborn (2005):

- (48) Estado Kimiano
 Estados-K são objetos abstratos para a exemplificação de uma propriedade P para um indivíduo x em um tempo t.
 (MAIENBORN, 2005, p. 303, tradução nossa)

Como observam Fábregas, Leferman e Marín (2013), a definição de um estado kimiano parece sintetizar bem a interpretação *stage-level* dos adjetivos: uma propriedade temporalmente localizada (*bounded*). Uma possibilidade, assim, seria assumir que os adjetivos na anteposição poderiam ter leitura *stage-level* – como, inclusive, parecia ser sugerido em exemplos como (15).

Gostaríamos de discordar dessa hipótese com base em alguns argumentos. Primeiramente, considerarmos que assumir que a diferença entre a anteposição e a posposição seria a possibilidade de leitura *stage-level* não contribuiria para a compreensão da distribuição sintática dos adjetivos em PB, uma vez que a leitura *stage-level* está mais tipicamente associada à posposição, e não o contrário. Cinque (2010), por exemplo, observa que adjetivos pré-nominais em línguas românicas têm mais comumente leitura *individual-level*, ao passo que a posição pós-nominal seria ambígua entre as duas leituras:

- (49) As **invisíveis** estrelas de Andrômeda exercem um grande fascínio (não-ambígua)
- a. As estrelas de Andrômeda, que geralmente são invisíveis, exercem um grande fascínio (*individual-level*)
 - b. #As estrelas geralmente invisíveis de Andrômeda, que estão invisíveis agora, exercem um grande fascínio (*stage-level*)
- (50) As estrelas **invisíveis** de Andrômeda são muitas (*ambígua*)
- a. As estrelas de Andrômeda, que geralmente são invisíveis, são muitas (*individual-level*)
 - b. As estrelas geralmente visíveis de Andrômeda, que estão invisíveis agora, são muitas (*stage-level*)
- (CINQUE, 2010, p. 6-7 (adaptado))

Em segundo lugar, parece-nos que assumir que a distinção relevante fosse *individual-* vs. *stage-level* nos faria perder o paralelo com a interpretação “adverbial” de alguns adjetivos, como visto na seção 2. Ainda que Kratzer (1995) defenda que predicados *stage-level* introduzem algum tipo de variável espaciotemporal na estrutura – uma afirmação que possivelmente é compatível com interpretá-los como estados kimianos –, a interpretação dos adjetivos da seção 2 parece diferente daquela de certos adjetivos inerentemente *stage-level* como “vazio”:

- (51) a. o copo vazio
 b. o copo está vazio
 c. *o copo é vazio
 d. ?Eu vi o copo estar vazio
 e. ?o frequentemente vazio copo

Além disso, a interpretação “adverbial” não é necessariamente temporária: ainda que não possa ser atribuída diretamente ao indivíduo (devido ao intermédio do argumento evento), ela não pressupõe uma duração limitada.

As diferenças de comportamento entre os adjetivos avaliativos e adjetivos *stage-level*, conforme a tabela 1, apesar de testarem esses itens em posição predicativa, também contribuem para mostrar que, mesmo compartilhando algumas propriedades (que podem ser explicadas pela presença de um argumento kimiano na interpretação *stage-level*), essas duas classes não podem ser equalizadas.

Um possível contraponto passível de ser mencionado é o trabalho de Stowell (1991), que tem uma proposta similar à de Kratzer (1995). Para o autor, a interpretação eventiva do que ele chama de “adjetivos de propriedades mentais” (i.e. *mental properties adjectives*) é devido ao funcionamento desses itens como predicados *stage-level*:

- (52) a. John was clever to leave the party.
 ‘O João foi esperto de ir embora da festa.’
 b. It was clever of John to leave the party.
 ‘Foi esperto do João ir embora da festa.’
 c. John was clever.
 ‘O João foi esperto.’

Stowell também assume que esses adjetivos selecionem um argumento evento; mas, para além disso, esse argumento evento seria justamente o argumento espaciotemporal responsável pela leitura *stage-level* (cf. KRATZER, 1995). Essa seleção argumental seria a razão de as sentenças em (52) terem limites temporais (como predicados *stage-level* típicos): a “esperteza” não é atribuída a John de maneira geral, e sim tão somente no que concerne sua decisão de ir embora da festa.

Fábregas, Leferman e Marín (2013), entretanto, apontam (a partir das observações de KERTZ, 2006), que apesar da aparente leitura *stage-level* nas construções instanciadas em (52), os adjetivos nesses exemplos continuam a se comportar como predicados *individual-level*, como pode ser visto nos testes com plurais nus, inserção de *There* e alternância entre leitura fraca/forte de sujeito:²¹

- (53) a. American consumers are smart. (* \exists/\forall) (ILP)
 b. American consumers are smart to buy foreign goods. (* \exists/\forall) (ILP)
 c. American consumers are eager to buy foreign goods. (\exists/\forall) (SLP)
- (54) a. *There were lawmakers smart. (ILP)
 b. *There were lawmakers smart to endorse the proposal. (ILP)
 c. There are lawmakers eager to endorse the proposal. (SLP)
- (55) a. SOME/*Sm people are smart. (ILP)
 b. SOME/*Sm people are smart to request a waiver. (ILP)
 c. SOME/Sm people are eager to request a waiver. (SLP)
 (KERTZ, 2006, p.230)

Nos exemplos em (53), o adjetivo avaliativo *smart* (esperto) só pode ter leitura genérica mesmo na presença do infinitivo em (53b) (Stowell analisa o infinitivo como uma manifestação *overt* do argumento evento), diferentemente do adjetivo exclusivamente SL *eager*, que permite leitura existencial em (53c). A inserção de *There* é um teste que, em inglês, permite que adjetivos *stage-level* apareçam pospostos ao nome. Novamente, adjetivos avaliativos se comportam como ILPs. Por último, Kertz menciona o teste com sujeitos fortes (SOME) e fracos (Sm): adjetivos *individual-level* não conseguem se combinar com sujeitos fracos, independentemente da presença ou não de um infinitivo (cf. (55a) e (55b)), ao passo que *eager* pode aparecer com ambos os tipos de sujeito.

²¹ Essa distinção advém do trabalho de Milsark (1974). Em resumo, o autor observa que, em inglês, alguns DPs podem aparecer em contextos de inserção com *There* e outros não. Os contextos que permitem a inserção são chamados de *fracos*, enquanto os que não permitem seriam *fortes*. Além disso, Milsark observa que propriedades podem apenas ser predicadas em contextos fortes. Essa divisão foi posteriormente repensada em termos de predicados IL/SL, com ILs ligados a contextos fortes.

Dessa forma, uma vez que as leituras predicativas parecem estar disponíveis com adjetivos adnominais e para preservar as diferenças observadas entre adjetivos avaliativos e adjetivos *stage-level* típicos, optamos por considerar que essas duas classes apresentam argumentos evento distintos. Consideraremos que adjetivos avaliativos e aqueles com mudança de interpretação na anteposição selecionam um argumento davidsoniano, sendo a impossibilidade de inserção de um locativo uma restrição sintática independentemente motivada.

Também seguimos com Fábregas, Leferman e Marín (2013) na proposta de que esse argumento davidsoniano não faça parte da entrada lexical dos adjetivos, ao invés disso sendo obtido composicionalmente. Esses adjetivos seriam inerentemente *individual-level*, e sua leitura eventiva adviria de poderem selecionar um evento como argumento. Para os autores, eventos e indivíduos compartilhariam o mesmo tipo semântico (<e>), de modo que não é necessário postular mudança alguma na estrutura argumental desses itens. A formalização dessa proposta *dentro* do sintagma nominal, entretanto, não é tão simples, uma vez que o trabalho de Fábregas, Leferman e Marín propõe que o adjetivo introduza seu sujeito (em construções predicativas) a partir de uma projeção funcional PredP (a leitura eventiva se deveria à presença de um argumento evento, ao invés de um indivíduo, na posição de especificador de PredP). Essa estrutura não seria adequada para dar conta de adjetivos adnominais, especialmente considerando que é possível termos mais de um adjetivo adnominal, inclusive na anteposição. Prever que haja uma posição que pode ser opcionalmente preenchida por um evento (ou por outro elemento), contudo, nos parece um caminho promissor para lidar com essas estruturas pela possibilidade de fornecer uma análise integrada aos adjetivos relacionais no espírito de Menuzzi (1992).

Consideramos que essa proposta tem a vantagem de prever que, na ausência de um argumento evento disponível para propiciar a leitura eventiva, o adjetivo terá leitura *individual-level* – como de fato ocorre:

(56) um grande tubarão

(57) uma bela mesa

Uma vez que tais construções prototipicamente não introduzem eventos, a interpretação *individual-level* é muito mais saliente: de dimensão,

em (56); e de beleza, em (57).²² Note-se que, em uma proposta que derive as diferenças de interpretação desses adjetivos de diferentes posições sintáticas – e, no limite, talvez de entradas lexicais distintas –, como Prim (2015), não esperaríamos encontrar diferenças tão claras de preferência de leitura entre SNs com nomes “eventivos” (nomes que, por alguma propriedade, licenciam essa leitura) e outros nomes, já que não há – a princípio – relação entre a posição sintática e a estrutura argumental do nome.

Nesse sentido, uma questão a ser desenvolvida é identificar a origem desse argumento evento. Há uma influência significativa do nome, que, contrariamente a algumas observações já feitas na literatura, não precisa ser deverbal (para além de “uma bela dançarina”, podemos também ter “uma bela mãe”, “um belo médico”, etc.), mas tampouco precisa ser necessariamente humano (é possível imaginar contextos em que (56), por exemplo, tenha leitura eventiva).²³ Uma possibilidade é que esse argumento seja vago, definido contextualmente de acordo com as concepções de mundo vinculadas a cada item lexical.

Por último, cabe observar que aquilo que Fábregas, Leferman e Marín (2013) chamam de *adjetivos avaliativos* não abrange toda a gama de adjetivos *com leitura potencialmente avaliativa* que temos em PB; voltamos, assim, à questão de “adjetivos avaliativos” *enquanto classe*, enquanto *traço* ou *enquanto uso*. Tanto Fábregas, Leferman e Marín (2013) quanto Stowell (1991) mencionam apenas adjetivos relacionados ao comportamento humano, como *cruel*, *modesto*, etc. Observamos, porém, que adjetivos unicamente avaliativos (por vezes chamados de *elativos* na literatura) como *maravilhoso*, *magnífico*, *fantástico*, etc. aparentemente seguem o mesmo padrão em termos de interpretações e distribuição:

- (58) a. Eu vi o João ser/sendo maravilhoso com a Maria.
b. O João foi gentilmente fantástico com as crianças na escola ontem.
c. O João foi extremamente terrível comigo no cinema. Isso aconteceu logo depois de eu ter sido legal com ele.
d. A Maria é (geralmente) fantástica (com os empregados).

²² Nesse caso, possivelmente com uma leitura de grau.

²³ Uma especulação possível é que o traço relevante seja animacidade.

Contudo, seria interessante analisar um número maior de itens para atestar a extensão dessas propriedades.²⁴

Considerações finais

Nesse trabalho, buscamos mostrar que um elemento comum na interpretação de uma grande parcela dos adjetivos adnominais prénominais é a presença de um elemento mediador da predicação entre o adjetivo e o nome-núcleo, que propomos se tratar de um argumento evento (ao menos no caso de uma parcela dos adjetivos). Devido ao comportamento desses adjetivos em posição predicativa, defendemos, junto com Fábregas, Leferman e Marín (2013), que esse argumento seja de natureza davidsoniana, e não kimiana, contra a análise de Maeinborn (2005). A investigação da origem desse argumento, assim como a formalização da estrutura sintática (e semântica) que permite que o adjetivo o acesse são temas para trabalhos futuros; contudo, apontamos que não é necessário que o nome seja deverbal, tampouco humano.

Por último, é importante notar que essa proposta não dá conta de todos os casos de leitura avaliativa na anteposição. Recuperemos o exemplo anteriormente dado em (15c), repetido agora em (59):

(59) seus redondos olhos de criança brilhavam com animação [...]

Uma hipótese é que, nesse caso, o que esteja em jogo seja alguma medida de *grau*. Como observado por Menuzzi (1992), “a fim de que se possa ‘intensificar’ a atribuição de uma propriedade a alguém ou algo, é preciso que essa propriedade seja *relativa*, i.e. que se possa tê-la em maior ou menor grau em relação a alguma referência [...]” (MENUZZI, 1992, p. 135). O adjetivo *redondo* não é tipicamente relativo e tampouco avaliativo, mas se conseguirmos interpretá-lo como um ponto em uma escala (nesse sentido, (59) poderia ser parafraseado por “seus olhos *muito redondos*”), é possível que ele apareça na anteposição. Outro exemplo nesse sentido é (60):

²⁴ Uma questão bastante intrigante é o caso de *legal* e *bonito* – que apesar de apresentarem leituras claramente avaliativas, não aceitam facilmente a anteposição em qualquer contexto.

- (60) a. *um vermelho vestido
 b. Eu gosto daquele vermelhíssimo vestido

(MENUZZI, 1992, p. 134)

Apesar não poder ser anteposto com facilidade, *vermelho* aceita a anteposição quando com marcação morfológica de superlativo, que estabelece um ponto em uma escala. Assim, a relação entre anteposição e grau (*degree*) é outro aspecto dessa estrutura que merece futuras investigações.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

- BOFF, A. *A posição dos adjetivos no interior no sintagma nominal: perspectivas sincrônica e diacrônica*. 1991. 110f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – IEL, UNICAMP, Campinas, 1991.
- BOSQUE, I.; PICALLO, C. Postnominal adjectives in Spanish DPs. *Journal of Linguistics*, New York, n. 32, n. 2, p. 349-385, 1996.
- CARLSON, G. N. *Reference to Kinds in English*. 1977. Tese (Ph.D.) – Universidade de Massachusetts, Amherst, 1977.
- CINQUE, G. *The Syntax of Adjectives: a Comparative Study*. Cambridge, MA: MIT Press, 2010. DOI: <https://doi.org/10.7551/mitpress/9780262014168.001.0001>
- DAVIDSON, D. The Logical Form of Action Sentences. In: RESHER, N. (Ed.). *The Logic of Decision and Action*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1967. p. 81-95.
- FÁBREGAS, A.; LEFERMAN, B.; MARÍN, R. Evaluative Adjectives are Davidsonian States. In: SINN UND BEDEUTUNG, 17, 2012, Paris. *Proceedings...* Paris: École Normale Supérieure, 2013. p. 237-253.

KERTZ, L. Evaluative adjectives: An adjunct control analysis. In: 25th WEST COAST CONFERENCE ON FORMAL LINGUISTICS, 25th., 2006, Somerville. *Proceedings...* Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2006. p. 229-235.

KIM, J. Events and their descriptions: some considerations. In: RESHER, N. *et al.* (Ed.). *Essays in Honor of Carl G. Hempel*. Dordrecht: Reidel, 1969. p. 198-215. DOI: https://doi.org/10.1007/978-94-017-1466-2_10

KIM, J. Events as property exemplifications. In: BRAND, M.; WALTON, D. (Ed.). *Action theory: Proceedings of the Winnipeg Conference on Human Action*. Dordrecht: Reidel, 1976. p. 159-177. DOI: https://doi.org/10.1007/978-94-010-9074-2_9

KRATZER, A. Stage-level and Individual-level predicates. In: CARLSON, G. N.; PELLETIER, F. J. (Ed.). *The Generic Book*. Chicago: Chicago University Press, 1995. p.125-175.

MAIENBORN, C. On the limits of the Davidsonian approach: the case of copular sentences. *Theoretical Linguistics*, [S.l.], v. 31, n. 3, p. 275-316, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1515/thli.2005.31.3.275>

MENUZZI, S. *Sobre a modificação adjetival do português: uma teoria da projeção dos adjetivos*. 1992. 194f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – IEL, UNICAMP, Campinas, 1992.

MILSARK, G. *Existential Sentences in English*. 1974. Tese (Ph.D.) – M.I.T., Cambridge, 1974.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

PRIM, C. *A Sintaxe dos adjetivos em português brasileiro*. 2015. 158f. Tese (Doutorado em Linguística) – IEL, UNICAMP, Campinas, 2015.

STOWELL, T. The alignment of arguments in adjective phrases. In: ROTHSTEIN, Susan. (Ed.). *Perspectives on phrase structure*. San Diego; London: Academic Press, 1991. (Syntax and Semantics, 25, p. 105-135).